

As formas de sobrevivência em *Distancia de Rescate*, de Samanta Schweblin.

Ellen Maria Martins de Vasconcellos

Universidade de São Paulo

Resumo: Jean-Luc Nancy (2016) define comunidade por aqueles seres singulares que não têm nada em comum além da mera existência com, entre, em, fora, para um e outro, a exposição de uns e outros, de uns com os outros, de uns entre outros. Roberto Espósito opõe a esse conceito a noção de imunidade, igualmente indispensável para proteger a vida. “El veneno es vencido por el organismo no cuando es expulsado fuera de él, sino cuando de algún modo llega a formar parte de este”. (ESPÓSITO, 2003). Neste trabalho, analisaremos como os personagens de David e Amanda, intoxicados pelos agrotóxicos em *Distancia de Rescate* (2015), de Samanta Schweblin, articulam um movimento entre resistência e pertença à comunidade, como formas (tentativas) de sobrevivência, no tempo e no espaço da catástrofe. Como afirma Boaventura de Sousa Santos (2009), a catástrofe é somente uma das estratégias do Estado Neoliberal para que o próprio Estado possa intervir radicalmente em (ou abandonar) determinadas áreas e comunidades. Veremos então que ideia de salvamento os personagens do romance nos trazem enquanto parecem estar diante da impossibilidade de futuro.

Palavras-chave: *Literatura argentina; Samanta Schweblin, comunidade, sobrevivência.*

Distancia de Rescate, de Samanta Schweblin, é a primeira novela da autora argentina radicada em Berlim trás seus livros de contos. Publicado em 2014, trata-se de um relato dialógico no qual dois personagens, David e Amanda, reconstituem um passado recente em um presente não marcado, de modo que esses tempos se entrelaçam até chegar no “punto exacto en el que nacen los gusanos”. (SCHWEBLIN, 2014, p.11).

Desconstruindo o mito idílico do campo, o romance se situa em um povoado rural onde as plantações de monocultivo transgênico transformaram não só a dinâmica social e econômica das populações locais, mas a relação dessas pessoas com a terra, com as plantas, os animais e inclusive com seus próprios corpos. O campo já não é mais esse lugar heterotópico onde a classe média urbana vai passar

férias, em um espaço bucólico onde o homem supostamente não interveio, onde, portanto, é possível encontrar silêncio, água cristalina e ar puro. Ir ao campo era se aproximar dessa ilusão natural e ociosa que, de fato, no começo do romance, a história convida a imaginar: Amanda e Carla são vizinhas e, recém-apresentadas uma a outra, tomam sol usando biquínis na beira da piscina da casa alugada por Amanda, que veio da cidade. Amanda desconhece as políticas agropecuárias neoliberais e ainda vê o campo como Outro, diferente da cidade, e as pessoas dali também como diferentes dela. Na segunda página, Amanda inclusive admite que há algo de fascinação e repulsão por tudo isso.

No entanto, rapidamente, ainda conversando com Carla, a imagem do campo já começa a se converter em um espaço de perigo letal. O campo está tomado pelas empresas multinacionais, pelas tecnologias do cultivo imunológico da soja contra pragas, fungos, insetos, a serviço do lucro que precisa que a soja seja colhida saudável o ano inteiro, sem importar com o ambiente ao redor ou as pessoas que ali vivem. Isso porque os herbicidas não se restringem apenas às plantações de soja. Já se espalharam e seguem sendo espalhados, contaminando água, terra, ar e a sociedade que se vê obrigada a encarar três opções: abandonar seus campos, emigrando para a cidade; ficar e trabalhar para essas empresas numa espécie de *agricultura transgênica*; ou sofrer a violência do projeto político e econômico (ameaças, assassinatos, envenenamento etc.) pelos poderes das empresas e do Estado e ver todo o cenário se decompor e ser eliminado sem nenhuma intervenção de proteção aos seus antigos donos. Quer dizer, é uma espécie de neocolonização, uma colonização que não termina nunca, e só o que resta aos Outros é a aniquilação.

Enquanto os agrotóxicos dão uma sobrevida à soja, maximizando sua vida e livrando-a de pragas, para os humanos, a consequência é contrária. Seus corpos contaminados se intoxicam e se deformam, se transfiguram. Em muitos casos, a morte é certa em pouco tempo, como é para os animais. Suas vidas não importam. O corpo abjeto, enfermo, tampouco interessa ao Estado, pois esse já não tem utilidade e, portanto, está condenado ao abandono.

A própria Amanda, depois de um tempo, começa a perceber que as coisas não são o que parecem, e se dá conta de que a água e a terra estão envenenadas, e por isso até o verde que vê é falso, ilusório. “Más allá la soja se ve verde y brillante

bajo las nubes oscuras. Pero la tierra que pisan, desde el camino de entrada hasta el Riachuelo, está seca y dura.” (ibidem, p.122). Além disso, a princípio, ela também sente medo e rejeição ao ver as primeiras crianças doentes, com suas manchas na pele, suas macrocefalias, suas deformações. “Está bien que Nina vea esto, pienso. Está bien que sepa que no todos nacemos iguales, que aprenda a no asustarse. Pero secretamente pienso que si esa fuera mi hija no sabría qué hacer. Es algo horroroso.” (ibidem, p.42). Ela ainda pensa que são problemas de nascimento, não de contaminação

Porém essa percepção muda quando ela começa a sentir os seus efeitos de intoxicação e, assim como David que se viu mais próximo das crianças doentes do que de sua “própria” família, após sua contaminação, Amanda, durante sua tomada de consciência do que também sofreu, ressignifica não só as vidas dessas pessoas, como também a dela própria, agora já identificada com o Outro. A vulnerabilidade faz que ela os reconheça e que se veja parte desses corpos que já não importam. O que essas pessoas têm em comum é justamente a precariedade de seus corpos, que é o que David já tem muito claro.

David é um menino de aproximadamente 8 anos, mas por conta da intoxicação, ocorrida seis anos antes, sua mãe Carla, sabendo que não lhe serviria nada recorrer ao hospital da cidade, se encaminha diretamente à curandeira do povoado (“la mujer de la casa verde”) para que esta lhe faça ao filho um ritual, chamado de transmigração, para salvar sua vida. Neste ritual, sua alma se dividiria em dois corpos, outra metade de alma também viria ao seu corpo, mas metade de sua doença também iria junto, e assim seu corpo poderia seguir vivo. No entanto, após o ritual, apesar dele ter o mesmo corpo, ele já não é o mesmo que antes, e David age diferente, passa a chamar Carla pelo nome e possui gestos e expressões de um adulto, e é esse “novo” David quem conhecemos, que guia e manipula a conversa com Amanda desde o princípio, coprotagonistas do relato que reconstitui a contaminação dos esquecidos, da catástrofe em curso.

Como dissemos no começo, David e Amanda, ambos intoxicados, já, portanto, com a morte mais próxima (“voy a morirme em pocas horas”, p.13), mantém um relato dialógico do início ao fim do livro, com o fim de buscar a origem da contaminação de Amanda, a genealogia de sua doença. Como o veneno é invisível e muitas vezes, trazido pela brisa (“La muerte viene del viento”), é preciso

reconstituir com muitos detalhes seus dias no campo para encontrar aquilo que não se vê fora, mas que contamina, e que se sente dentro. “A veces no hay tiempo para confirmar el desastre” (p.21).

Não obstante, apesar da riqueza de detalhes em algumas descrições da história de Amanda, o que marca essa construção da narrativa é uma ausência de informações: não se pode precisar a duração dos acontecimentos, muito menos onde e quando os dois estão no momento da narração do presente. Isso porque, como diz David, estas informações não são importantes. “Nada de esto es importante. Estamos perdiendo el tiempo.” (p.13); “Seguí, no te olvides de los detalles.” (p.14); “Es una opinión tuya. Eso no es importante” (p.28). Em vários momentos, ele pede rapidez à protagonista, já que, afinal, nenhum dos dois parece ter muito tempo de vida. Como uma maiêutica socrática, David, no papel de Sócrates, faz perguntas a Amanda e a escuta, conduzindo suas reflexões, hierarquizando-as e construindo relações invisíveis entre elas em busca de que a própria Amanda chegue a conclusões, como se a verdade, sempre latente, já fosse sabida por ele desde antes mesmo do relato começar. E não só porque David já tem consciência do que é importante, mas também porque essa história já foi contada antes. Disse David: “Amanda, necesito que te concentres, no quiero empezar otra vez desde el principio. [...] Pero Amanda, ya pasamos por eso también. Ya hablamos del veneno, de la intoxicación. Ya me contaste cómo llegaste acá cuatro veces”. (p.78-79).

É nessa reconstrução paulatina da história que Amanda faz que descobrimos como foram suas conversas com Carla; como ela soube do contágio de David quando ele tomou água do rio, assim como um dos cavalos que seu marido Omar criava, e que morreu no dia seguinte; e é nessa conversa entre David e Amanda, que ela começa a perceber que a doença pela qual está sendo tratada lhe coloca na mesma condição corpórea que os outros humanos e animais intoxicados. Não é porque veio da cidade que está imune. Já não há diferença entre territórios: a política econômica neoliberal os coloca em uma mesma identidade: de despojo.

Esa transmigración que encarna David le permite sublimar lo abyecto y tomar distancia para asir la causa del mal, asir la vulnerabilidad del hombre que supera las fronteras de clases sociales, geográficas, humanas. La muerte y la contaminación acechan tanto al habitante de capital como al de la periferia, tanto al caballo, al pájaro como al humano, sin privilegio alguno. (AUDRAN, s/d, p.13)

Segundo Espósito, comunidade e imunidade são conceitos fundamentais para entender os movimentos diferentes diante da experiência do contágio. Para explicar o conceito de imunidade, o autor faz uso das etimologias de ambas as palavras: derivadas de *munus*, que significa dom, dever ou obrigação, *communitas* seria um dom não próprio de alguém, mas comum a todos, e que exige, portanto, a doação de um para o outro, enquanto *immunitas* supõe a isenção dessa condição, e, portanto, imune seria aquele que é exonerado, que está salvo das obrigações comuns e dos perigos que afetam aos que estão em comunidade, rompendo, assim, o sistema de circulação social e reconstituindo as fronteiras entre o que é próprio e o que é comum. O conceito de imunidade, segundo o autor, é uma categoria histórica e coincidente ao conceito de modernidade. Afirma Espósito que o termo começou a ser usado no âmbito médico e jurídico, mas logo se estendeu a outros âmbitos e até outros sentidos na contemporaneidade. A noção de imunidade é indispensável para proteger a vida própria (as roupas, as medicinas, as armas) já que a autoproteção quase sempre foi uma exigência de todas as civilizações, porém, ao elevar demasiado sua ação e importância, se torna uma espécie de insidia, onde não só a dimensão e a existência coletiva se perde, mas também a liberdade individual, pois, em excesso, a imunidade, além de negar o comum, a circulação de sentido, acaba por negar a própria vida. Em suma, o que protege o corpo individual de um “mal”, também pode chegar impedir seu próprio desenvolvimento.

O que enxergamos até aqui, em *Distancia de Rescate*, é que não há mais nenhum nem outro: nem o que se é próprio, nem o que é coletivo, o que é vida e morte, de forma delimitada. A contaminação invisível dissolveu as fronteiras. O contágio não é sinônimo de morte imediata, ao menos em um primeiro momento, mas sim de uma consciência de morte, que pode acarretar em resignação ou em resistência¹. Além disso, o contágio, em larga escala, deixa de ser algo somente biológico e passa a ser também um problema de ordem social, assim como a AIDS nas décadas finais do século XX, haja vista que as diversas doenças que os pesticidas causam nos personagens são consequência da política pública de

¹ A resistência pode ter sucesso ou não, e ocorrer de várias formas diferentes, e é o que veremos em breve.

exclusão do outro que não é produtivo para o Estado, que não se homogeneíza no “corpo” pretendido. O contágio e suas consequências é o que confirma não só a vulnerabilidade do corpo, a sua condição de ser aberto a algo que lhe *desapropria* de ser o que é *próprio*, mas também é o que evidencia o valor precário dele para o Estado.

As leis e os direitos a favor das pessoas são fluidos e se movem conforme interesse. Segundo Butler, em *Vida Precária* (2019), esses direitos existem para proteção do sujeito universal abstrato, isto é, os donos dos meios de produção e, em alguma medida, a força de trabalho (ou seja, os trabalhadores), que é um conceito instável. Esses marcadores de aceitação de quem faz parte daqueles que merecem viver, e, portanto, que merecem os cuidados da manutenção da vida, e os marcadores de discriminação, ou seja, daqueles que não merecem viver, não são previamente dados, e interferem na gestão das vidas e no valor dado a elas. São marcadores de distinção: sexo, gênero, orientação sexual, religião, raça, classe, geração, local de nascimento, lugar de moradia, etc. e a partir desses cruzamentos de identidade, é que será dito o quanto um indivíduo pode participar ou não da política, dos meios de produção de trabalho, o quanto ele terá acesso à saúde, o quanto as leis o protegerão, ou não. A precariedade dos corpos supera e está além das fronteiras geográficas e das classes sociais. Ela atinge a todos aqueles que não interessam ao conjunto social que decide, através de discursos científicos, religiosos, capitalistas, positivistas etc., quem faz parte da sociedade e quem deve ser invisibilizado, excluído.

Além disso, essas mesmas marcas fluidas, ou como diria Butler também em *Quadros de guerra* (2018), esses mesmos enquadramentos móveis que determinam o quanto uma vida pode ser vivível, também determina uma vida que pode ser matável². Para que haja a admissão da existência, isto é, que uma vida seja reconhecida como vida, é preciso que esta se enquadre e se comporte dentro de normas específicas. O que enquadra uma vida como vivível e outra como matável precisa ser necessariamente fluido para tempos e espaços específicos (por exemplo, soldados em guerra com “licença” para matar civis). Ou seja, dependendo

² Giorgio Agamben também discute esse tema em *Estado de exceção* e Achille Mbembe chama de *Necropolítica*.

do contexto, uma vida pode significar mais ou menos, e inclusive pode chegar ao ponto de não significar nada.

Assim como o reconhecimento de uma vida matável ou vivível, também esta vida pode ser ou não passível de luto. A resposta difere justamente a partir de marcas de alocação de precariedade (por exemplo, desaparecidos na ditadura, os mortos na pandemia, etc.). O luto, como função política, é importante, porque diferencia a mera vida natural (reduzida à vida biológica) da vida cultural e social que o sujeito teve (que ganha sexo, nome, sobrenome, herança genética, nacionalidade, direitos diferenciados, história). O luto permite superar e conservar: ao mesmo tempo em que a vida não começa na certidão de nascimento, porque já tem história (herança genética, relações comunitárias, etc.), ela não termina na certidão de óbito, porque tem algo que permanece: a memória dos vivos. Além disso, assim como o que veio pré-vida, e que, portanto, não é próprio, é comum; o pós-vida, ou seja, o luto, também tem uma dimensão pública, comum (cemitérios, velórios, etc.). Ser enlutável (ou não ser), então, é um marcador interseccional de discriminação.

Na obra, vemos dois movimentos em relação a isso: Carla, numa recusa de um luto iminente, para conservar o corpo do filho, o submete ao ritual místico da transmigração para que ao menos o corpo permaneça vivo. O outro movimento é o sepultamento que David faz dos animais mortos que encontra no caminho. David, a depois da transmigração, passa a velar pelos animais doentes e a enterrá-los depois de mortos. De algum modo, passa a ser o transmigrador desses animais, dando ao menos essa pós-vida possível. Amanda vê que David sepultou a vinte e oito animais (potros, cachorros, patos) mortos pelo veneno, intoxicados. Ao enterrá-los, David faz o que consideramos um movimento de resistência à morte: ele dota a vida desses seres de importância e por isso estes também passam a ser dignos de serem enlutáveis. David os empurra às suas tumbas, e faz o mesmo com Amanda ao final do relato: a empurra para a morte. “Ahora voy a empujarte. Yo empujo a los patos, empujo al perro del señor Geser, a los caballos.” (p.115). Empurrar e enterrar é reconhecer, um movimento público e político da história de uma vida. Não enlutar é o que permite que o Estado se desresponsabilize pela morte dos seres, e que nenhuma dessas vidas seja reconhecida como vidas. O ato de enterrar, mesmo que eles por eles, quer dizer, os contaminados pelos

contaminados, passa a ser um movimento de resistência, de encontrar sentido e de dar valor a essa comunidade dos que nada têm em comum além da disjunção, da consciência de fim: não há imunização nem tampouco uma comunidade que os proteja. Assim, acabam-se por criar uma *outra* comunidade. Em um momento do relato, inclusive, Amanda conta de quando viu passar pela rua várias crianças doentes juntas – “treinta y tres”, corrige David, “pero el número cambia” (p.108). E segue: “Chicos com deformaciones. No tienen pestañas, ni cejas, la piel es colorada, muy colorada, y escamosa también.” (ibídem).

O conceito de comunidade de Jorge Alemán nos ajuda a entender o que faz com que essa pareça se formar uma comunidade, apesar de nunca terminada. Segundo o autor, uma comunidade é definida não por haver uma essência ou um discurso único que a delimita, mas pela sua natureza sempre aberta, já que os sujeitos que a constituem assim também são: abertos, expostos, e que nunca podem ser representados em sua totalidade por um único significante. É claro, afirma Alemán, que estes sujeitos “hablantes, sexuados, mortales” (2012, p.40) são compelidos a buscar significantes, e até mesmo, outros sujeitos, para (tentar) completar seu vazio estrutural. Mas ainda que um sujeito sempre necessite de outro para existir, o autor diz que o que há em comum entre todos os sujeitos é apenas o encontro entre suas solidões, já que não há propriedades comuns sócio-simbólicas entre eles, e, portanto, tampouco a possibilidade de uma relação estável e definitiva (ibidem, p.15-16).

Essa ideia de comum sem fundamento identitário, que surge na solidão dos que nada tem em comum, além de um estar juntos, um com os outros, se aproxima da ideia também de Jean-Luc Nancy no qual o autor diz que já não existe a ideia do “ser comum” que possui uma voz que representa “todos nós”, mas um de “ser em comum”, ou simplesmente “ser-com”, que tem como condição primordial sua coexistência “com”, “entre”, “em”, “fora”, “para” um e outro, a exposição de uns aos outros, de uns com os outros, de uns entre outros”. (NANCY, 2016, p.18). Nancy postula que o ser-com, antes de ser algo, já está exposto ao mundo, pois a experiência só se dá no reparto de si, no fora de si, exatamente no limite em que os seres se articulam.

Na obra de Schwebelin, enxergamos estes seres tão abertos, tão expostos a essa experiência fora-de-si que, inclusive, o veneno não é só uma ameaça, que se

situa o interior e o exterior, entre o que é próprio e o que é do outro, mas passa a ser parte dos seres, assim como as noções do que é água, ar e veneno, que não são mais distinguíveis pela contaminação. O mesmo ocorre quando Carla permite o ritual de transmigração ao seu filho David, e lhe proporciona uma forma uma sobrevida. Tanto que David confessa a Amanda: “No es tan malo morirse” (p.86). A própria mãe já não sabe onde começa David e termina esse novo sujeito.

No entanto, é somente a partir dessa sobrevida proporcionada que David passa a ter voz e potência de ser protagonista. E aí está a segunda resistência que encontramos na obra: a dos excluídos, dos abjetos, dos negligenciados quando passam a contar tudo o que permanece oculto pelo discurso oficial. É ele que toma a palavra e faz as perguntas com o objetivo de construir um relato, recuperar seu sentido, a sua história de colonizado, (colonizado, inclusive, internamente). É ele que incorpora a voz que revela a necropolítica atuando sobre os corpos e intervém sobre a realidade.

David diz em um momento: “Siempre estuvo el veneno”. (SCHWEBLIN, 2014, p.116). O veneno parece só mudar de composição, mas sempre houve algo (uma doença, uma política) para exterminá-los. Nesse processo pela busca da genealogia da doença, os protagonistas não lutam contra o relógio para sua sobrevivência, visto que já estão condenados, mas lutam para sua sobrevida, sua pós-vida. Como o luto, que dá uma sobrevida aos mortos, “lo importante”, parece empurrar David, é a reapropriação de suas vidas, de seus corpos (e daqueles que não tiveram chance), e a reivindicação de sua história comum, de seus vínculos, da verdade dita a partir de suas vozes e não contada por outro. É a reivindicação do relato próprio, contra a história única³. Não à toa o diálogo é realizado por uma criança e uma mulher, sujeitos que já de antemão, têm suas vozes silenciadas.

Mais ainda: como a vida e a morte já não podem ser separados por um fio imaginário de distância, já que essa *distância de resgate*, que calcula a distância entre uma pessoa que pode salvar e outra que está em perigo, e que encurta e se expande dependendo do contexto, passa a ser inútil quando a ameaça é invisível, o que lhes permite construir a narrativa é justamente a existência desse *entre* onde os personagens estão, nesse lugar e tempo não definidos. Se vivos não tinham voz,

³ Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre isso em “O perigo da história única”, disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt Acesso em: 09 ago; 2020

e mortos tampouco terão, é esse momento das ruínas sobre ruínas que a possibilidade da construção, o tempo e o espaço da resistência, que no relato não se define, se realiza. Ainda há tempo. Pouco, mas há. Tanto que David o estica e inclusive leva Amanda a um tempo posterior à sua morte para que ela enxergue o importante. “Quedan segundos, pero todavía podrías entender lo importante. Voy a empujarte hacia delante para que puedas escuchar a mi padre. [...] Solo habrá pocos segundos de claridad. Cuando mi padre hable, no te distraigas.” (p.117).

Na última página, a conversa se trava entre o pai de David e o pai de Nina, já viúvo de Amanda. E o pai de David diz que “ahora se le dio por atarlo todo” e aponta para um cômodo onde estão muitas coisas penduradas por um barbante, ou amarradas entre si pelo barbante, feito por David. Talvez essa seja a última resistência que o relato nos mostra: daquilo que sobra, os vínculos, é preciso atá-los, e nos ater a eles. Qualquer semelhança com o contexto que estamos passando não é mera coincidência.

Referências

ALEMÁN, Jorge. *Soledad: Común*. Políticas en Lacan. Buenos Aires: Ed. Capital Intelectual, 2012

AUDRAN, Marie. “Contaminados y escritura contaminada: Distancia de rescate de Samanta Schweblin”. Universidad Rennes 2, s/d.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *Vida precária*. Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

ESPÓSITO, Roberto. “Comunidad, inmunidad, biopolítica”. In: E-misférica, vol.10, num.1, invierno-2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SCHWEBLIN, Samanta. *Distancia de rescate*. Buenos Aires: Literatura Random House, 2014.